
MENSAGEIRO

DO CORAÇÃO DE JESUS | JUNHO 2019

DISPONIBILIDADE
E ESCUTA PARA
SERVIR A IGREJA

ENTREVISTA
AO PÁROCO DE
MONTE ABRAÃO
pág. 3

SAMUEL ÚRIA:
QUANDO O POP
PLAGIA A BÍBLIA
pág. 6



RENOVAR COM ENTUSIASMO 175 ANOS DE HISTÓRIA

-20 %

 EDITORIAL
A.O.

UM CAMINHO SIMPLES E BELO

OTTAVIO DE BERTOLIS, S.J.



Partindo da espiritualidade do Coração de Jesus, as dimensões fundamentais da vida cristã, como a oração, os mandamentos e o seguimento de Cristo.

PREÇOS

Portugal: 8,85€; Europa: 10,40€;
Fora da Europa: 10,70€

O CAMINHO DO CORAÇÃO

DÁRIO PEDROSO, S.J.



Propostas de oração comunitária para o mês do Coração de Jesus, num itinerário de descoberta do Amor de Jesus, na sua beleza e nas riquezas do seu mistério.

PREÇOS

Portugal: 5,85€; Europa: 6,65€;
Fora da Europa: 6,65€

MENSAGEIRO

DO CORAÇÃO DE JESUS

junho 2019 // Ano CXLIV, n.º 6

Diretor

António Valério, s.j.

Administração

Rua S. Barnabé, 32, 4710-309 BRAGA (Portugal)

Contactos:

Geral: 253 689 440
Revistas: 253 689 442
Livraria: 253 689 443
Email: revistas@snao.pt
Web: www.revistamessageiro.pt
www.redemundialdeoracaodopapa.pt

Direção de arte e produção gráfica

Francisca Cardoso Girão

Paginação

Ana Miranda

Impressão e acabamentos

Empresa Diário do Minho, Lda.
Rua de São Brás, n.º 1 - Gualtar
4710-073 BRAGA
Contr. n.º 504 443 135

Redação, Edição e Propriedade

Secretariado Nacional do Apostolado da Oração
Província Portuguesa da Companhia de Jesus
(Pessoa Coletiva Religiosa - N.I.F. 500 825 343)

Depósito Legal 11.762/86

ISSN 0874-4955

Isento de Registo na ERC, ao abrigo do Decreto
Regulamentar 8/99 de 9/6, artigo 12º, nº 1 a
Tiragem: 9.000 exemplares



ASSINATURA PARA 2019

Portugal
(incluindo as Regiões Autónomas): 15,00€

Portugal (2 anos): 29,00€
Europa: 21,00€
26,00 Fr. Suíços

Fora da Europa: 27,00€
35,00 USD
42,00 CAD

Preço por exemplar: 1,40€

Pagar por transferência bancária:

De Portugal:
IBAN - PT50 - 0033 0000 0000 5717 13255
(Millennium.BCP - Braga);

Do Estrangeiro:
IBAN - PT50 - 0033 0000 0000 5717 13255
Swift/Bic: BCOMPTPL (Millennium.BCP - Braga)

ATENDIMENTO AO PÚBLICO

Horário: 9h-12h30 / 14h30-19h

Portes de correio incluídos nos preços.
Envio feito mediante pagamento prévio.

Pedidos: Secretariado Nacional do A.O.
Rua de S. Barnabé, 32 - 4710-309 Braga
livros@snao.pt | www.livraria.apostoladodaoracao.pt



PADRE MANUEL ANTUNES (1918-1985)

Alexandre Freire Duarte

Pode parecer estranho ousar escrever sobre alguém que, até há tão pouco tempo, eu conhecia tão mal, como é o caso de Manuel Antunes. Na verdade, e até ao momento em que me dispus a assumir esta rubrica, o meu contacto com a figura deste sacerdote jesuíta foi sempre esporádico e somente num contexto de consultas pontuais. Não sabia virtualmente nada da sua vida e até conhecia muito pouco do seu pensamento mais amplo para além daqueles pontos de contacto que se iam verificando entre, por um lado, o que ele escrevera e, por outro lado, o que me ocupava nas minhas investigações. Mas há atrasos que chegam na altura

certa, pois, como neste caso, quase de certeza que eu não teria conseguido valorizar, como acabei por fazer, o que me dispus a explorar.

Afirmar que Manuel Antunes foi um pedagogo é realmente verdade, mas não é toda a verdade. A partir do que pude enxergar dos seus textos escritos sob o seu nome (dado que não pude ler os outros publicados sob mais de cem pseudónimos), parece-me que ele terá sido, muito mais, um genuíno mistagogo. Isto é, alguém que conduzia os seus interlocutores através do, e assim em direção ao, mistério do saber que só se sacia na fonte do mesmo: a Sabedoria que o Amor é. Se, len-

do livros de testemunhos, tantas pessoas disseram que ele as tornou grandes, não duvido – não posso sequer duvidar, sem me trair a mim mesmo e às impressões que a leitura daqueles textos me provocou – que isso deveu-se ao facto de que ele, não se fazendo falsamente grande, acreditava que elas já o eram, e apenas tinha que as guiar até à Fonte dessa grandeza.

Tudo nele parece-me como a vida, pelo menos no que esta tem de qualidade de – afora de quem, podendo amar, não o faz – estar viva na sua paleta de cores, por vezes em sintonia, por vezes contrastantes, deixando assim isto entrever que quem conseguiu dele aproximar-se terá notado que parecia estar a sair do *Inferno* de Dante. E esta realidade, porque poderá ter sentido, impressa no frontispício da atmosfera vital do padre Manuel Antunes, algo como «adquiri toda a esperança, vós que entraís aqui». É isto que acontece, sei-o bem, com quem contacta com todo aquele que não confunde o amor cristão com a mera filantropia, mas em alguém que, como este sacerdote nascido na Sertã, viveu em estado de martírio com aquele peso do saber que a Bíblia diz aumentar o sofrimento (cf. *Qohelet* 1, 18), toda a leveza da incerteza desaparece.

Que magnífico que foi, para mim, ver espelhado nos seus escritos (e em especial nos mais académicos, mas próprios de quem nunca quis agarrar-se ao ser um mero académico, embora tenha sido docente na Universidade de Lisboa), que foi o «pobre» (que desejava dar tudo o que sabia aos demais) a ensinar aos «ricos» (esses que queriam contentar-se com o acumular de ideias dos outros) a desejarem ser «pobres» como ele. Ele, que foi o homem «vulgar» a apontar a via da coragem do ego-desapego a todos aqueles que só eram «invulgares» porque «vulgarizavam» os demais.

Talvez por isto mesmo, nada em Manuel Antunes me soe a exagero, exaspero ou à vontade de dar a conhecer o que os demais já poderiam saber, mas, antes, a uma paciente sensibilidade para elevar estes àquela existência humilde que, sendo onde ele vivia, é a única base da alegria que perdura. Tomaram-no, devido ao que acabei de escrever, por tonto? Sei que sim, até porque ainda hoje há quem o faça, mas se ele pôde parecer ser um «tonto», não foi por ter estado abaixo dos sábios, mas por, tendo-se dado sempre no que dava e oferecia, se ter deparado acima deles.

A claridade dos seus escritos de pendor mais didático mostra, não obstante alguns erros factuais entretanto feitos patentes devido ao avanço do saber no âmbito

dos estudos clássicos, que todo o primeiro compasso de espera, decorrente de divagações desnecessárias e presente num texto pensado para comunicar o saber a gerações mais novas, é quase sempre fatal. Mais: dois desses compassos merecem ser fatais! Também por isso, o carácter mais vincado da sua personalidade, tal como a fui conhecendo através dos relatos dos demais e da leitura das suas obras, que me parece mais presente em tais textos, é mais o da coerência de vida expressa no fio condutor da apresentação dos dados, do que os epifenómenos dessa vida desvendados nas feições daqueles dados, sobretudo aqueles que não são afetados por aquele mesmo fio. Poderei estar errado nesta minha precedente apreciação – que é a que avanço com menos confiança –, mas se estiver errado, é porque me deixei ludibriar pela leitura das palavras de alguém que, agraciado pelo Estado Português quando «ainda estava» vivo (em 1983) e quando «já estava» vivíssimo (2018), certamente nunca quis enganar.

Fazendo um agrafo de oposição com a incerteza que manifestei na minha última frase, devo confessar que é com nenhuma hesitação que me apraz dizer que aquilo que com Manuel Antunes aprendi ao lê-lo é maior do que o que ele ensinou. Esta realidade não se deve, evidentemente, a uma qualquer capacidade minha. De modo algum. Deve-se, isso sim, ao facto de que ele, mesmo nos textos mais relativamente extensos e sobre temas menos acessíveis a quem (como eu) não é perito nos mesmos, faz uso de uma economia extrema dos detalhes menos angulosos. Quer dizer: daqueles pormenores que menos deixam marcas de feridas de fascínio naqueles que deles se abeiram, tal como foi a prática comum d'Aquele que o acolheu como seu companheiro.

Também por causa do expresso no parágrafo anterior, posso dizer que há algo de notável em Manuel Antunes que gostaria de poder, um dia, evidenciar. A saber: o ser capaz de vir a redigir apenas aquilo que, sendo teoricamente correto, não é, na prática, uma mentira – essa sempre tão apressada realidade que suja tudo de poeira por onde quer que passe. Ou seja: ser capaz de, como ele, escrever apenas palavras que nunca se tornarão, com o tempo, incapazes de ser lidas ou relidas, naquilo que, a acontecer, afastaria, finalmente, as minhas frases de toda e qualquer semelhança com aqueles emails que, mal são enviados para um determinado endereço, são-nos devolvidos com a indicação *standard* «a sua mensagem não foi entregue».